

## Alcohol abusive consumption among young people

Guanis de Barros Vilela Junior<sup>2,3</sup>; Graciela Balestrin Benedetti<sup>1</sup>; Carolina Nazif Rasul<sup>1</sup>; Thiago Felix Soares<sup>1</sup>; Marcus Vinicius Infante<sup>1</sup>; Isabelly Simon Mantovani<sup>1</sup>; Laiane Reis Teixeira<sup>1</sup>; Paula Fernanda Barbeto Pimenta Lebkuchen<sup>1</sup>; Ana Paula Barancelli Hamud<sup>1</sup>; Francisco Collins Neves de Melo<sup>1</sup>; Nayara Saad Chinaia<sup>1</sup>; Luís Felipe Silio<sup>1</sup>; Ricardo Pablo Passos<sup>2,3</sup>

ISSN: 2178-7514

Vol. 15 | N<sup>o</sup>. 3 | Ano 2023

## RESUMO

**Introdução:** as práticas de lazer de jovens no Brasil, usualmente, estão associadas ao consumo de bebidas alcoólicas, fato que talvez seja consequência da percepção deles sobre a própria qualidade de vida. **Objetivo:** avaliar o consumo de bebidas alcoólicas e o risco associado junto a jovens na cidade de Campinas, SP. **Métodos:** A amostra foi composta por 287 jovens entre 18 e 21 anos, 140 do sexo masculino e 147 do sexo feminino, sendo que 106 eram universitários e 181 com ensino médio completo e não eram universitários. O consumo de bebidas alcoólicas foi medido por meio do Teste de Identificação de Transtornos por Uso de Alcool (AUDIT). O Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB) foi usado para avaliar o perfil socioeconômico dos participantes. Estatística descritiva e não paramétrica foi utilizada para verificar eventuais diferenças no consumo de álcool entre os grupos homens e mulheres e entre alunos universitários e não universitários, com nível de significância fixado em  $p < 0,05$ . **Resultados:** Não foram encontradas diferenças significativas ( $p < 0,078$ ) entre os sexos, nem entre universitários e não universitários. Não foi detectada nenhuma relação significativa entre o consumo de álcool e o perfil socioeconômico em nenhum dos grupos pesquisados. Isso mostra que o acesso às bebidas alcoólicas é amplamente facilitado, com muitos pontos de venda e a preços acessíveis para jovens de todos os estratos econômicos. Estudos em vários países mostram que políticas públicas restritivas e/ou proibitivas, apesar de importantes, não resolvem o problema; estas devem estar associadas a intervenções educacionais de longo prazo no conjunto de estratégias para o enfrentamento do uso abusivo de bebidas alcoólicas.

**Palavras-chave:** Alcoolismo; AUDIT; perfil socioeconômico

## ABSTRACT

**Introduction:** The consumption of alcoholic beverages is a common leisure activity among young people in Brazil. This may be due to their perception of their own quality of life. **Objective:** To assess alcohol consumption and associated risk among young people in the city of Campinas, SP. **Methods:** The sample consisted of 287 young people aged 18 to 21, with 140 males and 147 females, including 106 university students and 181 individuals with completed high school who were not university students. Alcohol consumption was measured using the Alcohol Use Disorders Identification Test (AUDIT). The Brazil Economic Classification Criterion (CCEB) was used to assess the socioeconomic profile of the participants. Descriptive and non-parametric statistics were used to examine any differences in alcohol consumption between male and female groups and between university students and non-university students, with a significance level set at  $p < 0.05$ . **Results:** No significant differences ( $p < 0.078$ ) were found between genders or between university students and non-university students. There was no significant relationship detected between alcohol consumption and socioeconomic profile in any of the surveyed groups. This demonstrates that access to alcoholic beverages is widely facilitated, with numerous points of sale and affordable prices available to young people across all economic strata. Studies in various countries indicate that restrictive and/or prohibitive public policies, while important, do not resolve the issue; these policies should be accompanied by long-term educational interventions as part of a comprehensive strategy to address abusive alcohol use.

**Keywords:** Alcoholism; AUDIT; socio economics profile

1. Centro universitário São Lucas, Porto Velho
2. International Society of Human Movement Sciences (ISHMS)
3. Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida (CPAQV).

## Autor de correspondência

Guanis de Barros Vilela Junior - Guanis@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Em relação ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas a Organização Mundial da Saúde<sup>(1)</sup> é direta:

Os riscos à saúde começam desde a primeira gota de qualquer bebida alcoólica, portanto, não é possível consumir de maneira segura - independentemente de quão responsabilmente o bebedor se comporte.

É amplamente conhecido pela ciência e pela população em geral, que o consumo abusivo de bebidas alcoólicas traz consequências deletérias na saúde física, mental, social e ambiental desses consumidores. Some-se a isso, que sujeitos com alto risco para o alcoolismo, acabam por acarretar um comprometimento das relações sociais, junto à família, no trabalho e com amigos. Mas culturalmente, o consumo de bebidas alcoólicas é incentivado há milhares de anos, inclusive em cultos religiosos, exceção feita aos países islâmicos que apresentam grande variabilidade normativa, indo da proibição total da comercialização e consumo, caso da Arábia Saudita, Iêmen, Afeganistão, Líbia e Kuwait, passando por certa permissividade, onde o consumo é vetado à população islâmica mas liberado para não islâmicos e/ou turistas, caso do Paquistão, Maldivas, Bangladesh, Indonésia, Malásia, Turquia, Qatar. Outros países da Ásia, África, Américas, Oceania e Europa, possuem grande variabilidade nas leis que regem o consumo dessas bebidas, da alta taxação em alguns, até locais

onde a venda e consumo são proibidos, muitas vezes isso variando amplamente em cidades do mesmo país, segundo a Organização Mundial da Saúde<sup>(1)</sup>. Um aspecto importante, mas muitas vezes negligenciado em várias pesquisas sobre esse tema se refere aos custos econômicos envolvidos no comércio de bebidas alcoólicas, por exemplo, Thavorncharoensap et al<sup>(2)</sup> pesquisaram como fatores econômicos podem interferir no consumo de bebidas alcoólicas, categorizando custos diretos, indiretos e intangíveis. E é evidente que os intangíveis não tem preço, mas são extremamente valiosos, afinal, é impossível precificar vidas perdidas em decorrência do abuso dessas bebidas.

## MÉTODOS

Pesquisa transversal e prospectiva com amostra aleatória obtida no banco de dados do projeto de pesquisa integrado “Métodos da inteligência artificial e diagnóstico de diferentes tipos de câncer”, iniciado em junho de 2022, junto ao Núcleo de Pesquisas em Biomecânica Ocupacional e Qualidade de Vida (NPBOQV/CNPq). A amostra foi composta por 287 jovens entre 18 e 21 anos, 140 do sexo masculino e 147 do sexo feminino, sendo que 106 eram estudantes universitários e 181 com ensino médio completo e não eram universitários. O consumo de bebidas alcoólicas foi medido por meio do Teste de Identificação de Transtornos por Uso de Álcool (AUDIT) e o Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)<sup>3</sup> foi usado para avaliar o perfil

socioeconômico dos participantes, ambos em formato digital, disponível online para os sujeitos participantes. Estatística descritiva foi utilizada para verificar eventuais diferenças no consumo de álcool entre os grupos homens e mulheres e entre alunos universitários e não universitários.

Os protocolos de intervenção no estudo foram aprovados Comitê de Ética em Pesquisa sendo observadas as normativas do Conselho Nacional de Saúde, CNS nº 510/2016, sobre pesquisa envolvendo seres humanos. Todos os participantes, com idade superior a 18 anos, assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE).

O Teste de Identificação de Transtornos por Uso de Álcool (AUDIT), é composto por 10 itens, contendo perguntas com respostas fechadas de múltipla escolha relativas ao consumo de bebidas alcoólicas e seus eventuais desfechos nos últimos 12 meses. De acordo com Babor et al.<sup>(4)</sup> o AUDIT possui sensibilidade de 92% e especificidade de 93%, sendo seus resultados classificados como a) consumo de baixo risco, b) consumo de risco e c) consumo de alto risco e provável dependência. Esse instrumento para avaliar o risco de dependência de bebidas alcoólicas tem sido amplamente utilizado, conforme mostram estudos de Kiplani et al.<sup>(5)</sup>, Ansari et al.<sup>(6)</sup>, McArdle et al.<sup>(7)</sup>, Duffy et al.<sup>(8)</sup>, dada sua fácil aplicabilidade e rapidez na aplicação.

O Critério de Classificação Econômica Brasil (CCEB)<sup>3</sup> foi o instrumento utilizado para avaliar o poder de compra das famílias e

pessoas e o nível de escolaridade do chefe da família, com o objetivo de classificar a população em relação a sua classe econômica. O CCEB mensura numericamente a posse dos seguintes itens na residência dos respondentes: banheiros, automóvel, motos, empregada mensalista, máquina de lavar, DVD, lava louças, lava roupas, geladeira e freezer; e investiga o nível de escolaridade do chefe da família, subdividindo a educação em cinco estratos: Analfabeto/ Fundamental 1 incompleto; Fundamental I completo / Fundamental II incompleto; Fundamental II completo / Médio incompleto; Médio completo / Superior incompleto e Superior completo. A pontuação máxima do Critério Brasil (2022) é de 100 pontos e suas classes econômicas são: A (44 a 100 pontos); B 1 (38 a 43 pontos); B 2 (29 a 37 pontos); C 1 (23 a 28 pontos); C 2 (17 a 22 pontos); D (0 a 16 pontos). Foi realizada estatística descritiva relativa ao consumo de bebidas alcoólicas dos sujeitos, posteriormente foi realizado o teste de Mann-Whitney U para analisar as diferenças no consumo de álcool entre indivíduos do sexo masculino e feminino. O coeficiente de correlação de Spearman foi usado para investigar a relação entre o consumo de álcool e o perfil socioeconômico dos adolescentes. O software estatístico utilizado foi o SPSS versão 12.0 (SPSS Inc.) e o nível de significância adotado foi  $p < 0,05$ .

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A tabela 1 mostra a distribuição das sete classes econômicas nos quatro grupos de sujeitos.

Tabela 1- percentuais obtidos no Critério Brasil – 2022.

Critério Brasil – 2022: classe econômica dos sujeitos							
	A	B1	B2	C1	C2	D	E
<b>H-Uni</b>	3	5	11	12	10	9	4
<b>M-Uni</b>	1	2	13	6	11	12	6
<b>H-NãoUni</b>	1	3	23	27	24	15	7
<b>M-NãoUni</b>	0	2	18	19	16	17	11
<b>Total</b>	5	12	65	64	61	53	28

**Onde:** H-Uni: Homens universitários; M-Uni: Mulheres universitárias; H-NãoUni: Homens Não universitários; M-NãoUni: Mulheres Não universitárias.

Nessa tabela 1, destaca-se que a maior parte dos sujeitos são pertencentes às classes B2, C1 e C2, respectivamente, integralizando 66,2% de todos os sujeitos. As classes A e B1 constituem 5,9 % e as classes D e E totalizam 28,2% dos sujeitos pesquisados.

A Tabela 2 mostra os resultados obtidos na pontuação do AUDIT, com o número de sujeitos em cada nível de risco e o percentual para homens e mulheres, universitários e não universitários.

Tabela 2- Resultados do AUDIT nas três categorias de risco

	Risco (Audit)						Total
	Baixo		Médio		Alto		
	H	M	H	M	H	M	
<b>Universitários</b>	23 (21,7%)	19 (18,0%)	21 (19,9%)	22 (20,7%)	10 (9,4%)	11 (10,3%)	106 (100%)
<b>Não universitários</b>	48 (26,5%)	39 (21,5%)	30 (16,6%)	29 (16,0%)	17 (9,4%)	18 (10,0%)	181 (100%)
<b>Total</b>	71 (24,7%)	58 (20,2%)	51 (17,8%)	51 (17,8%)	27 (9,4%)	29 (10,1%)	287 (100%)

**Onde:** H: Homens; M: Mulheres, com respectivos número de sujeitos em cada faixa de risco do AUDIT e seu percentual, para universitários e não universitários.

Os homens apresentaram maiores percentuais no baixo risco ao passo que as mulheres apresentaram maiores percentuais de alto risco, porém sem diferenças significantes quando comparadas com os homens com risco elevado, mas ambos os grupo (homens e mulheres) com taxas próximas de 10%, uma incidência importante, dado que à medida que o tempo passa o hábito de beber pode se tornar cada vez mais compulsivo e sistemático, colocando esses jovens em situação de risco.

No teste de Mann-Whitney U, não foram observadas diferenças significativas ( $p < 0,078$ ) entre os sexos para universitários e não universitários. Isso pode desmistificar o recorrente discurso de que é na universidade que os jovens aprendem a beber.

As correlações de Spearman obtidas mostraram que não existe associação significativa entre o consumo de álcool e o perfil socioeconômico em nenhum dos grupos pesquisados ( $r = -0,119$ ;  $p < 0,05$ ); resultado que pode sinalizar que o acesso às bebidas alcoólicas é facilitado em todos os estratos sociais; mesmo os mais desfavorecidos economicamente têm acesso à bebida alcoólica, até mesmo porque existe uma ampla variabilidade no preço de bebidas, portanto, as bebidas mais baratas são acessíveis aos sujeitos das classes D e E.

Campbell et al. <sup>(9)</sup> evidenciam que restrições por faixa etária, leis restritivas, controle de veiculação publicitária etc., contribuem para a diminuição da densidade de pontos de venda

de bebidas alcoólicas, sendo, portanto, estratégias importantes no enfrentamento do uso abusivo dessas bebidas. Na cidade de Campinas, SP, os espaços de lazer frequentados pelos jovens, têm uma massiva presença de propagandas e grande número de pontos de venda (além de bares, padarias, lanchonetes, postos de gasolina, clubes, parques etc.); isso pode explicar o percentual elevado de homens e mulheres, universitários e não universitários, que foram classificados pelo AUDIT, como de médio e alto risco na presente pesquisa, com 13,77% dos sujeitos. Similarmente Paschall et al. <sup>(10)</sup> em pesquisa sobre consumo de bebidas alcoólicas em 23 países, utilizaram o instrumento Alcohol Policy Index (API). Esse instrumento é composto por cinco domínios relativos à disponibilidade de álcool (idade mínima para compra, horas de venda), contexto do consumo (mobilização comunitária para aumentar a conscientização pública, treinamento obrigatório dos atendentes), preço (índices de preços para cerveja, vinho, destilados), publicidade (número de diferentes meios com restrições de publicidade) e veículos motorizados (por exemplo, testes aleatórios de alcoolemia, limite legal de álcool no sangue). Os resultados destacam correlações significativas entre a pontuação do API com e entre as seguintes variáveis: ter bebido aos 13 anos de idade, contexto social, disponibilidade, preços e propaganda. Isso pode corroborar os achados da presente pesquisa, posto que por volta de 10% de universitários e não universitários, homens e

mulheres, obtiveram pontuação no AUDIT que os classifica como de alto risco para o alcoolismo.

Especificamente entre universitários, o abuso de bebidas alcoólicas é preocupante, dado que conforme reportam Singleton e Wolfson<sup>(11)</sup>, esse consumo influencia negativamente no rendimento nos estudos, pois influencia nos padrões de sono e na sonolência ao longo do dia. Isso é um alerta aos 10% de universitários que foram identificados na presente pesquisa, como de alto risco ao alcoolismo, ou seja, além de todos os problemas físicos, psicológicos, sociais e ambientais, esses alunos ainda correm o risco de abandonar a universidade em consequência do fraco desempenho acadêmico.

A linha é tênue entre uma limitação cognitiva e um possível agravo que possa levar a um estado neurológico que inviabiliza o estudo acadêmico. Xu et al<sup>(12)</sup> pesquisaram o consumo de álcool e a transição de comprometimento cognitivo leve para demência. Para isso acompanharam durante dois anos os desfechos de 176 sujeitos com comprometimento cognitivo leve, categorizados em grupos: os abstêmios, os consumidores moderados e os consumidores abusivos. Para avaliar a capacidade cognitiva dos sujeitos utilizaram o instrumento Mini-Mental State Examination (MMSE). Concluíram que os consumidores abusivos de bebidas alcoólicas apresentaram diferenças significativas quando comparados com os abstêmios e os consumidores moderados, em relação à progressão para a demência ao longo do dois anos. O álcool, como

qualquer outra droga, lícita ou ilícita, quando consumido em elevadas doses, é um problema de saúde pública. Sendo que no caso do Brasil, com taxas de impostos entre as mais elevadas do mundo, causa estranheza a negligência das autoridades políticas (federal, estadual e municipal) diante desse fato, pois é evidente que quem pagará a conta para cuidar desses jovens dependentes de bebidas alcoólicas é o cidadão comum que proporcionalmente, é quem mais paga impostos nesse país.

Larsen et al<sup>(13)</sup> utilizaram a abordagem ecológica para pesquisar os fatores que levam universitários ao consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Para isso, utilizaram um bar-laboratório (com ambientação de um pub tradicional holandês, com TV, mesa de bilhar etc.), onde 135 jovens (52% eram mulheres) tinham acesso livre a bebidas alcoólicas e não alcoólicas, sendo que tinham a liberdade de escolher o que beber. Eles interagiram com “cúmplices” do mesmo sexo, durante 30 minutos, que seguiam instruções prévias de consumo de bebidas nesse ambiente (os 135 sujeitos da pesquisa não sabiam disso). Nenhum abstêmio pode participar da pesquisa, sendo todos os participantes categorizados entre leves, moderados e compulsivos. O acesso ao bar-laboratório aconteceu todos os dias da semana (exceto segunda-feira), das 16 às 21h, mas foram considerados dados daqueles que ficaram pelo menos duas horas por dia nesse local. Os “cúmplices” atuaram e controlaram o tempo de interação através de um relógio que fazia parte da

decoração do bar-laboratório. Todo o ambiente e interações interpessoais (díades) foram gravadas em DVD para posterior análise. Os resultados mostraram que os jovens (homens e mulheres) foram influenciados, significativamente, a beber mais pelos “cúmplices” tipo consumidores compulsivos e os níveis de desejo estavam positivamente relacionados ao consumo de álcool durante o experimento. O experimento mostrou que homens e mulheres imitaram espontaneamente o comportamento de pares do mesmo sexo no consumo de bebidas alcoólicas em um ambiente de bar. Essa pesquisa mostrou como o ambiente do bar e as interações sociais que ocorrem nele, são indutoras do aumento do consumo dessas bebidas.

A despeito dos vários malefícios associados ao consumo de bebidas alcoólicas, com taxas elevadas de mortalidade e comorbidade, Mukamal et al.<sup>(14)</sup> destacam alguns benefícios do consumo moderado dessas bebidas; citam o aumento dos níveis de colesterol HDL; diminuição dos processos inflamatórios e diminuição coronariana nos homens. Essa polêmica continua, pois a relação vantagens / desvantagens do consumo de álcool são de enorme complexidade, dado que questões de natureza genética, comportamental, afetiva, social, religiosa, usualmente permeiam e até definem, se um consumidor moderado, eventualmente, se transforme em um consumidor compulsivo. Esse mapeamento genético ainda é caro e não parece estar no horizonte de protocolos corriqueiros para diagnósticos

precoce do alcoolismo. Grant et al.<sup>(15)</sup> pesquisaram a influência genética no consumo de bebidas alcoólicas, recorrendo a 4010 pares de gêmeos (monozigóticos e dizigóticos) australianos de descendência europeia e casais pais de gêmeos (n=5485) da mesma etnia. Os pesquisadores realizaram análise fatorial exploratória para identificar sete fatores associados à dependência de bebidas alcoólicas e fatores genéticos, são eles: 1) Cessamento; 2) Tolerância à bebida; 3) Consume mais do que desejava; 4) Incapaz de parar/ Permanência do desejo de consumir; 5) Gasta muito tempo bebendo; 6) Reduz suas atividades; 7) Continua a beber apesar dos problemas de saúde física e/ou emocionais. Os autores reportam que de 30 a 51% da variância do consumo de álcool está associado a fatores genéticos. Todos os fatores estão fortemente correlacionados a fatores genéticos. Concluem que a intensidade do consumo e os sintomas de Dependência Alcoólica (AD) têm um elevado grau de sobreposição genética, mesmo entre indivíduos não dependentes na população geral.

Pesquisadores como Shoham et al.<sup>(16)</sup> e Pape et al.<sup>(17)</sup> mostram que o consumo de bebidas alcoólicas, muitas vezes antecede o consumo de outras drogas como maconha, cocaína, opiáceos etc.; isso aponta a natureza multifatorial, não linear e complexa desse consumo. Outras pesquisas<sup>(18,19,20,21)</sup> associam o uso abusivo com a dinâmica familiar<sup>(22)</sup>, especialmente falta de suporte por parte dos pais, insegurança afetiva junto aos amigos e colegas, meio ambiente

alcoogênico<sup>24,25</sup> convivência dos políticos com a indústria de bebidas, especialmente governança municipal que não aderem seriamente às políticas nacionais<sup>(23)</sup>, marketing predatório<sup>24</sup> em redes sociais, comportamento violento entre grupos de jovens<sup>(25)</sup> e a falta de políticas educacionais eficientes.

Pedersen et al.<sup>(26)</sup> pesquisaram a influência da vizinhança e da escola na consolidação de consumidores de bebidas alcoólicas. Para isso analisaram os hábitos de 1038 jovens na Suécia, utilizando a abordagem ecológica de Bronfenbrenner, concluíram que a vizinhança e a escola são igualmente responsáveis pelo consumo social de bebidas alcoólicas, entretanto, episódios de consumo abusivo, estão associados aos jovens mais privilegiados economicamente.

Um hábito cada vez comum entre jovens é a associação de bebidas energéticas (usualmente com cafeína e taurina) com as alcoólicas. Para compreender essa associação Emond et al.<sup>(27)</sup> realizaram uma análise cross seccional com 3342 jovens dos USA representativos de todos os estados do país; para aquisição de dados de consumo recorreram ao AUDIT. Os autores concluíram que bebidas energéticas são preditoras de uso abusivo de bebidas alcoólicas e que isso não está restrito ao ambiente universitário. Isso toma especial relevância quando se sabe que propagandas de bebidas energéticas são amplamente liberadas e usualmente não sofrem nenhuma restrição legal, portanto, propagandas de bebidas energéticas são potencialmente indutoras de consumo de bebidas

alcoólicas. Treno et al.<sup>(28)</sup> pesquisaram a influência do marketing de bebidas alcoólicas no consumo delas por jovens californianos, os resultados reportam mais uma evidência da complexidade desse enfrentamento, especialmente na apologia da sociedade do consumo e da liberdade norte-americana; na sociedade urbana brasileira não é diferente, os jovens são expostos sistematicamente às mensagens subliminares de sucesso e felicidade associadas ao consumo excessivo dessas bebidas, o que pode ajudar a explicar as elevadas de risco médio e elevado encontrados na presente pesquisa.

Outro problema associado ao consumo abusivo de bebidas alcoólicas pelos jovens se refere às altas taxas de prevalência, violência sexual e incidência de AIDs. Para compreender esse fenômeno Letsela et al.<sup>(29)</sup> recorreram ao mapeamento geográfico (GIS) de pontos de venda de álcool e métodos de pesquisa participativa com 27 jovens de uma área urbana e uma rural na África do Sul. Os pesquisadores constataram elevada densidade de pontos de venda de álcool em ambos os locais, sendo que 97% deles estavam dentro de um raio de 500 metros de uma escola; 76% dos pontos de venda tinham placas de publicidade de álcool no exterior. Ou seja, um ambiente altamente alcoogênico, onde bebidas alcoólicas são muito acessíveis e o marketing é ostensivo. Nesse cenário, as jovens mulheres são mais vulneráveis dado que o sexo muitas vezes é aceito como moeda para acesso a bebidas; a recorrência da prática sexual não segura em um contexto que muitas vezes leva à violência sexual.



Um tema em plena discussão se refere à prática esportiva como essencial para afastar os jovens do consumo de bebidas alcoólicas, nesse sentido, Vilela Junior <sup>(30)</sup> reporta que não é a prática de um esporte que teria alguma ação preventiva, mas sim os efeitos motivacionais dessa prática que poderia minimizar o risco do consumo compulsivo dessas bebidas.

## CONCLUSÃO

A pesquisa mostrou que o paradigma de que jovens aprendem a beber no ambiente universitário não se sustenta, dado que não universitários apresentam consumo similar aos universitários. Tal achado mostra que eles provavelmente adquirem esse hábito no ambiente em que circulam nos momentos de lazer e em suas atividades cotidianas. O fato de vivermos em ambientes alcogênicos, com super exposição de marketing direcionado para o consumo de bebidas alcoólicas; o elevado número de pontos de venda; o preço acessível, tornam os jovens vulneráveis a esse hábito que pode ser potencialmente perigoso, especialmente para aqueles classificados como de alto risco nessa pesquisa.

Políticas públicas que para diminuir o super marketing de bebidas alcoólicas (redes sociais inclusas), aumento de impostos, e principalmente ações educacionais para o consumo não abusivo são fundamentais para esse enfrentamento.

## REFERÊNCIAS

- 1- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS) Reporting about alcohol: a guide for journalists. Geneva: World Health Organization; 2023. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/rest/bitstreams/1496130/retrieve>
- 2- THAVORNCHAROENSAP, M. et al. The economic impact of alcohol consumption: a systematic review. Substance Abuse Treatment, Prevention, and Policy 2009, 4:20 doi: <http://10.1186/1747-597X-4-20>
- 3- CRITÉRIO BRASIL - Critério Padrão de Classificação Econômica Brasil 2022. Disponível em: <https://www.abep.org/criterio-brasil>
- 4- BABOR, Thomas F. et al. Cuestionario de Identificación de los Transtornos debidos al Consumo de Alcohol. Ginebra: Organización Mundial de la Salud, p. 1-40, 2001.
- 5- KIPLANI, K. et al. To Analyze the Level of Alcohol Consumption in Today's Youth. International Journal of Advances in Engineering and Management (IJAEM). Volume 4, Issue 11 Nov. 2022
- 6- ANSARI, et al. M.A. Alcohol and University Students in Iraq: Attitudes, Availability, and Use. Journal of Muslim Mental Health (2022) 16:2.
- 7- McARDLE, P. et al. Alcohol Misuse among English Youth, Are Harms Attributable to Alcohol or to Underlying Disinhibitory Characteristics? Alcohol and Alcoholism, 2022, 57(3), 372–377 <https://doi.org/10.1093/alcalc/agab077>
- 8- DUFFY, F.F. et al. Calibrating the Alcohol Use Disorders Identification Test-Consumption (AUDIT-C) for detecting alcohol-related problems among Canadian, UK and US soldiers: cross-sectional pre-deployment and post-deployment survey results. BMJ Open. 2023;13:e0068619. doi:10.1136/bmjopen-2022-0068619
- 9- CAMPBELL, A. et al. The effectiveness of limiting alcohol outlet density as a means of reducing excessive alcohol consumption and alcohol-related harms. American Journal of Preventive Medicine, Volume 37, Number 6, 2009.
- 10- PASCHALL, M. J. et al. Alcohol control policies and alcohol consumption by youth: a multi-national study. Addiction, 104, 1849–1855. 2009.
- 11- SINGLETON, Royce A.; WOLFSON, Amy R. Alcohol consumption, sleep, and academic performance among college students. Journal of studies on alcohol and drugs, v. 70, n. 3, p. 355-363, 2009.
- 12- XU, G. et al. Alcohol consumption and transition of mild cognitive impairment to dementia. Psychiatry and Clinical Neurosciences 2009; 63: 43–49.
- 13- LARSEN, H. et al. An experimental study on imitation of alcohol consumption in same-sex dyads. Alcohol & Alcoholism Vol. 44, No. 3, pp. 250–255, 2009.
- 14- MUKAMAL, K.J. et al. (2008). Alcohol consumption: risks and benefits. Current Atherosclerosis Reports 2008, 10:536–543.
- 15- GRANT, J. D. et al. Alcohol consumption indices of genetic risk for alcohol dependence. Biol psychiatry 2009;66:795–800. <http://doi:10.1016/j.biopsych.2009.05.018>
- 16- SHOHAM, S., Rahav, G., Esformes, Y., Markovski, R., Chard, F., & Kaplinsky, N. (1980). Some parameters of the use of alcohol by Israeli youth and its relationship to their involvement with cannabis and

- tobacco. *Drug and alcohol dependence*, 65, 263-72. [https://doi.org/10.1016/0376-8716\(80\)90194-5](https://doi.org/10.1016/0376-8716(80)90194-5)
- 17- PAPE, H., Rossow, I., & Brunborg, G. (2018). Adolescents drink less: How, who and why? A review of the recent research literature. *Drug and Alcohol Review*, 37, S98-S114. <https://doi.org/10.1111/dar.12695>.
- 18- CARPENTER, R., Padovano, H., Emery, N., & Miranda, R. (2019). Rate of alcohol consumption in the daily life of adolescents and emerging adults. *Psychopharmacology*, 1-14. <https://doi.org/10.1007/s00213-019-05262-8>
- 19- CALUZZI, G., Maclean, S., Livingston, M., & Pennay, A. (2021). “No one associates alcohol with being in good health”: Health and wellbeing as imperatives to manage alcohol use for young people.. *Sociology of health & illness*. <https://doi.org/10.1111/1467-9566.13237>
- 20- SIEGEL, M., DeJong, W., Naimi, T., Fortunato, E., Albers, A., Heeren, T., Rosenbloom, D., Ross, C., Ostroff, J., Rodkin, S., King, C., Borzekowski, D., Rimal, R., Padon, A., Eck, R., & Jernigan, D. (2013). Brand-specific consumption of alcohol among underage youth in the United States.. *Alcoholism, clinical and experimental research*, 37, 1195-203. <https://doi.org/10.1111/acer.12084>
- 21- NELSON, D., Naimi, T., Brewer, R., & Nelson, H. (2009). State alcohol-use estimates among youth and adults, 1993-2005. *American journal of preventive medicine*, 36, 218-2. <https://doi.org/10.1016/j.amepre.2008.10.018>
- 22- MOURE-RODRÍGUEZ, L., Piñeiro, M., Varela, M., Rodríguez-Holguín, S., Cadaveira, F., & Caamaño-Isorna, F. (2016). Identifying Predictors and Prevalence of Alcohol Consumption among University Students: Nine Years of Follow-Up. *PLoS ONE*, 11. <https://doi.org/10.1371/journal.pone.0165514>
- 23- DE GOEIJ, Moniek CM et al. Impact of cross-sectoral alcohol policy on youth alcohol consumption. *Journal of studies on alcohol and drugs*, v. 77, n. 4, p. 596-605, 2016. <https://doi.org/10.15288/J SAD.2016.77.596>
- 24- BORZEKOWSKI, D., Ross, C., Jernigan, D., DeJong, W., & Siegel, M. (2015). Patterns of Media Use and Alcohol Brand Consumption Among Underage Drinking Youth in the United States. *Journal of Health Communication*, 20, 314 - 320. <https://doi.org/10.1080/10810730.2014.965370>
- 25- COX, M., Egan, K., Suerken, C., Reboussin, B., Song, E., Wagoner, K., & Wolfson, M. (2019). Social and Situational Party Characteristics Associated With High-Intensity Alcohol Use Among Youth and Young Adults.. *Alcoholism, clinical and experimental research*. <https://doi.org/10.1111/acer.14143>
- 26- PEDERSEN, W., Bakken, A., & Soest, T. (2018). Neighborhood or School? Influences on Alcohol Consumption and Heavy Episodic Drinking Among Urban Adolescents. *Journal of Youth and Adolescence*, 47, 2073-2087. <https://doi.org/10.1007/s10964-017-0787-0>
- 27- EMOND, J., Gilbert-Diamond, D., Tanski, S., & Sargent, J. (2014). Energy drink consumption and the risk of alcohol use disorder among a national sample of adolescents and young adults.. *The Journal of pediatrics*, 165, 1194-200. <https://doi.org/10.1016/j.jpeds.2014.08.050>
- 28- TRENO, A., Ponicki, W., Remer, L., & Gruenewald, P. (2008). Alcohol outlets, youth drinking, and self-reported ease of access to alcohol: a constraints and opportunities approach. *Alcoholism, clinical and experimental research*, 32, 8, 1372-9. <https://doi.org/10.1111/j.1530-0277.2008.00708.x>
- 29- LETSELA, L., Weiner, R., Gafos, M., & Fritz, K. (2018). Alcohol Availability, Marketing, and Sexual Health Risk Amongst Urban and Rural Youth in South Africa. *AIDS and Behavior*, 23, 175 - 189. <https://doi.org/10.1007/s10461-018-2250-y>
- 30- VILELA JUNIOR, G.B. et al. Consumo de bebidas alcoólicas e hipertrofia muscular. *Revista CPAQV*. V.15, n.2, 2023. DOI: <http://doi.org/10.36692/V15n2-04R>

**Observação:** os/(as) autores/(as) declaram não existir conflitos de interesses de qualquer natureza.